

A NATUREZA DA ESCOLA COMO POTÊNCIA PARA A MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO

SILVA, Amanda Camasmie¹
PADUANO, Giovana Quartieri²

RESUMO

O presente trabalho objetiva apresentar a importância do ambiente ao ar livre, na natureza da escola, que propicia a criação de brincadeiras, imaginação, relações interpessoais e desafios. Essas explorações da cotidianidade possibilitaram uma experiência rica, habitando o espaço e ressignificando o mundo que cerca a criança que está nele de forma ativa. Foi possível estabelecer uma grande relação entre a natureza e o desenvolvimento da criatividade na infância, pois é nela que as crianças conseguiram investigar, fortalecer sua curiosidade e processo de criação. O papel do professor fez-se presente por meio de escuta ativa às crianças em como se deu sua relação com o ambiente, suas indagações e hipóteses. Essa escuta foi fundamental para que existisse uma boa mediação docente, pois estava atrelada ao fazer pedagógico e à reflexão do adulto. Foram momentos de pausa, silenciamento, análise do pensamento infantil, questionamento de si, formulação de boas perguntas a partir do conhecimento prévio dos estudantes e acolhimento do inesperado. Coube ao educador proporcionar experiências intencionais que fizeram as crianças se relacionar com o conhecimento de forma investigativa e lúdica, construído processualmente, juntamente com os adultos de referência. Nessas explorações iniciais, prezou-se pela qualidade das relações, com intervenções dos professores fazendo perguntas que tinham como objetivo a reflexão, e não a resposta. Dessa forma, os resultados encontrados foram as aprendizagens sobre o mundo natural, demonstrando um sentimento de pertencimento ao relacionarem-se no mundo, nas relações de cuidado com o outro e com o espaço natural. Este trabalho fundamentou-se nos seguintes autores: Cornell (2008), Freire (2013), Guerra (2022), Ribeiro (2022) e Tishman (2024).

Palavras-chaves: professor mediador; natureza; criança pesquisadora; exploração; investigação.

Introdução

Este artigo visa destacar a importância do ambiente natural da escola e das possíveis mediações para investigações e explorações infantis de crianças de 4 e 5 anos do Colégio Emilie de Villeneuve, atrelando a brincadeira e o lúdico ao processo de aprendizagem e criatividade na infância, trazendo o papel do educador.

¹ Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora da educação infantil II do Colégio Emilie de Villeneuve. E-mail: amanda.camasmie@gmail.com.

² Graduação em Letras Português/Inglês pela Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP. Professora especialista de Língua Inglesa da educação infantil do Colégio Emilie de Villeneuve. E-mail: giovana_qp@hotmail.com.

Nós entendemos a oportunização da natureza como um direito das crianças. Como diz Cornell (2008), esse ambiente natural instiga, pois possui seus mistérios e provoca um entusiasmo nos pequenos, seja ao manipular, seja ao observar, seja ao sentir. Assim, vivendo em uma grande metrópole, com moradias verticais e poucos espaços verdes, é, principalmente, dentro da escola, no ambiente natural, que podemos lhes proporcionar diferentes tipos de experiências.

O papel do educador nesse processo é fundamental para que as investigações desse terceiro educador natural possam acontecer, visto que as crianças, segundo Cornell (2008), não estão acostumadas a observar a natureza. Sendo assim, é preciso elaborar um planejamento cuidadoso para que essas experiências aconteçam e sejam preparadas de forma que as explorações e investigações possam acontecer, demonstrando uma metodologia participativa, na qual a escuta sensível do professor entrelaça as hipóteses de mundo das crianças com vivências e investigações potentes (Ribeiro, 2022).

Utilizamos como raiz a visão de exploração defendida por Guerra (2022, p. 161), que afirma: “[...] é uma experiência ao redor das pequenas coisas. Exatamente por isso, esse estar centrado num presente cotidiano é uma das prerrogativas mais interessantes do ponto de vista educativo”. Portanto, para que nessa exploração o contato com a natureza e o perfil do educador estejam presentes, é necessária a formação de boas perguntas por parte do docente nesse ambiente cotidiano da escola.

Assim, as mediações possibilitam que tanto o adulto quanto as crianças possam adentrar as investigações que se podem delinear. Dessa forma, Guerra (2022) nos provoca a pensar que as boas perguntas giram em torno de não se ter uma resposta pronta, com os antônimos sim ou não, mas que sejam abertas e conduzam a diversos caminhos diferentes.

Naturalmente, quando as perguntas são formuladas e propostas por quem tem o papel de educador, professor ou formador, é necessário que venham de observação cuidadosa daquelas a quem se dirigem para que não interessem apenas a quem as formula, mas também seja consistente com as motivações e comportamentos de quem as recebe. Sendo assim, se os educadores, professores e formadores têm o direito de fazer suas próprias perguntas, estas devem ter um fundamento para aqueles a quem são dirigidas a fim de favorecer o significado da experiência que se segue (GUERRA, 2022, p. 145-146).

Sendo assim, a capacidade da escola está em ser um espaço vivo, dinâmico e transformador, onde diferentes saberes se encontram, se produzem e se reinventam. É um

espaço de criação de oportunidades para aprendizagens significativas, mediadas por relações e práticas pedagógicas inovadoras, considerando, sempre, a singularidade de cada criança e seu ritmo de aprendizagem.

Desenvolvimento

Ao adentrar o espaço do Colégio Emilie de Villeneuve, uma escola particular, localizada na zona sul de São Paulo, que atende a crianças de 2 anos e meio até o EJA, o espaço físico conta com prédios que têm salas de referência, salas de música, ateliês, horta e, principalmente, muito espaço externo para as crianças brincarem. Nesses ambientes, o contato com a natureza acontece. É possível observar muitas árvores frutíferas, pinheiros, troncos e terra. Com uma visão ecológica e de cuidado com animais e plantas, conforme a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) preza, os estudantes precisam estar em contato com esses elementos.

Essa ecologia é vista na educação infantil não apenas como um conteúdo, mas também como um aspecto relacional na vida das crianças.

O reconhecimento do seu valor, de fato, parece decisivo para uma educação ecológica que pretende ser baseada numa experiência autêntica, que, como tal, só pode ser vivida através do envolvimento emotivo, imaginativo, corporal e cognitivo com os contextos de vida (GUERRA, 2021, p. 33).

Dessa forma, o planejamento das professoras no início do ano trouxe um foco maior para o ambiente em que estamos inseridos, incluindo os animais e insetos que podem viver no ambiente natural. Em diversos contextos brincantes e rodas de conversa, discutimos aspectos que julgamos importantes, como regar as flores, alimentar os porquinhos-da-índia e o coelho, observar as abelhas e aprender a não arrancar as ervas do nosso jardim.

Ao ter esse contato proporcionado pela escola, com a intervenção das professoras, as crianças puderam investigar. Dessa maneira, muitas curiosidades e muitos questionamentos começaram a surgir. Isso demonstra como a natureza, nessa primeira parte da vida, é importante, como frisa Freire (2011).

A partir desse contato inicial, hipóteses começaram a aparecer e percursos investigativos em diversas salas dessa faixa etária nasceram. O cuidado com as plantas em uma dessas turmas levou aos questionamentos: “Por que existem as flores?”, “Para que elas servem?” e “Flores de plásticos servem para quê?”. Com essas boas perguntas, as professoras deram início às mediações no ateliê e nos parques da escola.

A pesquisa ganhou outro contorno quando as crianças resolveram essas questões iniciais, depois de mapear as flores do prédio da educação infantil e observá-las atentamente, registrando-as por meio da pintura. Esse processo evidenciou que as flores fazem parte da natureza, servindo para decorar e para presentear. Ademais, outra pergunta surgiu pela equipe de professoras: “Já descobrimos para que servem as plantas, mas o que tem dentro da planta?”. Essa nova pergunta desestabilizou a turma. Consequentemente, novas experiências foram intencionalmente construídas pelas professoras.

Nesse caminho, as múltiplas linguagens entram em destaque, e os sentidos humanos auxiliam os estudantes a olhar atentamente: “[...] eles geralmente experimentam uma sensação de repentinamente ver seu mundo familiar com novos olhos, como o mundo ao seu redor estivesse sendo recém descoberto” (TISHMAN, 2024, p.44).

A observação recaiu sobre as nossas abelhas nativas, as Jataís. Questões sobre como elas vivem, seus formatos e as cores de suas asas deram início a uma investigação, sem deixar de lado a imaginação e o cuidado com esse bem natural. “O que tem dentro da flor é a abelha”, disse um dos meninos. Outra criança contrapôs: “Não! Dentro da flor tem luz”.

Com essa discussão em roda, a professora propõe: “E se nós colhermos as flores caídas do parque e colocarmos na caneta microscópica?”. Com essa sugestão, as crianças coletaram diversos tipos de flores da escola e, juntas, chegaram à conclusão de que existem partes das plantas que, ao serem observadas atentamente, pareciam partes de um corpo — um corpo que abriga uma abelha. Para finalizar a investigação desse grupo, os estudantes concluíram que, para entender as flores, é preciso ser um inseto ou um animal que voe. Assim, um grande campo de flores foi criado, e asas foram confeccionadas para que a experiência de morar em uma flor acontecesse por uma manhã.

Arelado a todos esses ricos contextos e explorações, também há na educação infantil o ensino da língua inglesa, que deve estar integrado ao ambiente de aprendizagem de forma natural e contextualizada, respeitando as características e os interesses das crianças. Nesse sentido, a escola pode ser vista como um espaço potencializador, que cria as condições para que a língua estrangeira seja aprendida por meio de experiências sensoriais, musicais, lúdicas e interativas, proporcionando às crianças momentos de exploração, comunicação e expressão.

A natureza da escola como potência nesse processo pode ser observada em práticas contextualizadas e significativas, aproximando essa segunda língua de situações cotidianas e reais. As crianças podem aprender palavras e expressões em inglês associadas a elementos do

ambiente escolar e sua grande diversidade, como com cores e formas, ou de seu universo afetivo e social, como com os animais e alimentos.

Uma das experiências realizadas com os estudantes, relacionada à natureza, foi intitulada "*Colors of Nature*" (Cores da Natureza), planejada com o objetivo de promover o reconhecimento e a exploração das cores presentes no ambiente natural de um parque que é diariamente frequentado por essas crianças. Durante a atividade, elas foram orientadas a observar e identificar diferentes cores em elementos naturais, como folhas, pedras, flores e sementes. Depois, coletaram os elementos encontrados, dizendo qual cor era aquela ao trazê-los para a professora, sempre respeitando o combinado de pegar apenas o que estivesse já caído no chão. Esse ponto havia sido discutido anteriormente em uma roda de conversa, quando a professora disse: "Mas, antes de irmos, tenho uma pergunta... Podemos arrancar alguma folha ou flor de algum lugar?". As crianças brevemente negaram, até que uma delas respondeu: "Não, se não a árvore chora!", expressando, de forma simples, seu respeito e afeto pelo meio ambiente ao seu redor.

Durante a exploração, os pequenos ampliaram sua percepção sensorial e promoveram a aprendizagem das cores na língua inglesa de maneira lúdica e integrada ao contexto natural: "Essa flor é *purple!*", "E essa aqui é *yellow*", "*Pink!*", "A cor que mais tem aqui no parque é *green*". Portanto, essa abordagem buscou estimular a curiosidade e o cuidado dos infantes com a natureza, ao mesmo tempo que proporcionou uma experiência prática e potente de aprendizagem ao ar livre.

Conclusão

Com essas vivências potentes, a importância da natureza ficou evidente como um terceiro educador, precisando do apoio do professor para o aprofundamento de questões sobre o cuidado, a ecologia e as relações entre as crianças. Lidar com os sentimentos de não concordar com o outro e questionar-se sobre como resolver um problema são aprendizados que acontecem nessas investigações. O professor, estando como apoio e exemplo, traz tranquilidade e segurança no aprender.

Além disso, a mediação aconteceu por meio de boas perguntas, do olhar atento e da escuta sensível, para que brincadeiras com a natureza, o percurso investigativo e a contemplação acontecessem de forma significativa para esse grupo, respeitando os ritmos da infância e trazendo como foco a imaginação e criatividade de meninos e meninas.

A escola, ao ser um espaço de potencialização do conhecimento, é fundamental para a construção do saber, incluindo o ensino da língua inglesa, que deve ser abordado de maneira integrada, afetiva e lúdica na educação infantil. Nesse contexto, o papel dessa instituição não é apenas o de transmitir conteúdo, mas o de criar oportunidades para que as crianças vivenciem a língua materna e a inglesa como parte de seu cotidiano e se desenvolvam em suas múltiplas dimensões, com criatividade, afetividade e sensibilidade.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2017.

CORNELL, Joseph. *Vivências com a Natureza: Guia de atividades para pais e educadores*. São Paulo: Editora Aquariana, 2008.

CORNELL, Joseph. *Vivências com a Natureza: Novas atividades para pais e educadores (Volume 2)*. São Paulo: Editora Aquariana, 2008.

FREIRE, Heike. *Educação Verde, Crianças Saudáveis: Ideias e práticas para incentivar o contato de meninos e meninas com a natureza*. São Paulo: Editora Cultrix, 2013.

GUERRA, Monica. Olhares sensíveis para uma educação ecológica: Dimensões, posturas e atenções para orientações e práticas sustentáveis. *Revista Bambini*, p. 31-35, jun. 2021. Tradução Cilene Tineli.

GUERRA, Monica. *As mais pequenas coisas: Exploração como experiência educativa*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

RIBEIRO, Bruna. *Pedagogia das miudezas: saberes necessários a uma pedagogia que escuta*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

TISHMAN, Shari. *Olhar atento: Como incentivar os alunos a aprender por meio da observação*. Porto Alegre: Editora Penso, 2024.